CASA DE CAMILO

Noites de Insónia

14 abril 2021

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

Mil por Um

I

António Salter concluiu formatura em Leis, e veio a Lisboa, há quatro anos, requerer uma delegacia. As cartas de recomendação que trouxe dos magnatas da sua província para personagens graúdas da capital eram tantas e tão instantes, que o moço apenas entregou algumas, convencido de ser ociosa a impertinência de mover grandes estadistas, grandes jerarquias, e grandes capitalistas, no alcance dum tão insignificante emprego.

Fechado o concurso, soube António Salter que eram cento e oitenta os pretendentes, e quatro os lugares vagos. Este aviso

deu-lhe rebate ao receio, e instigou-o a entregar as vinte e cinco cartas que deixara emaçadas na mala.

Conheceu pessoalmente os seus padrinhos todos: uns almoçavam, outros jantavam, e outros ceavam com o ministério em barda: todos à uma lhe disseram que o seu despacho era *negócio feito*. Esta palavra *negócio*, em matéria de empregos, foi cabalmente ajustada à coisa, quando os empregos se *negociavam*. Agora já não é assim; a palavra, porém, ficou.

António Salter julgou-se tão prosperamente apadrinhado, que andava arrependido de pedir coisa tão pequena! A gente que o protegia, se quisesse, podia fazê-lo desembargador duma assentada, e aposentá-lo logo com o ordenado por inteiro!

Pensava o requerente em desistir da delegacia, para pedir o lugar de secretário do Conselho de Estado, quando lhe constou que o *Diário do Governo* publicara os despachos. «Agora já é tarde», disse ele consigo, «mas o que eu posso fazer é renunciar à delegacia.»

Foi ler o *Diário* para ver que sujeitos tinham sido despachados com ele, e não achou o seu nome. Sentiu-se mal, e bebeu um copo de água que lhe fez bem. Procurou alguns dos protetores que lhe haviam dado o negócio como feito. Os guarda-portões tangiam a campainha, e davam para cima o nome de António Salter; daí a pouco vinha um criado e dizia: «O senhor conselheiro está doente» ou «O senhor visconde não veio jantar em casa». Um destes lhe deparou a fortuna na rua.

– Como assim?! – exclama o bacharel. – Não fui despachado!

– Como assim?! – exclama o conselheiro. – Não foi despachado?

– Não, senhor!

– Que me diz?! Fui atrozmente iludido! Eu o vingarei, senhor Salter! Descanse... Retiro desde este momento o meu apoio a semelhante ministério! Isto está a cair! Espere alguns dias, e peça o que quiser, o que quiser, senhor Salter; peça o que quiser, que é negócio feito.

O bacharel escreveu a seu pai, expondo-lhe o inesperado desenlace das suas pretensões, e zombando do valimento dos seus padrinhos.

O pai de António Salter era contínuo dum governo civil da Beira Alta. Vendera a quinta única de sua herança de avós para formar o filho, e aceitara o mesquinho emprego para não ter fome. Era um pai extremoso, e um cidadão apontado ao dedo como modelo de probidade e abnegação.

Respondeu Joaquim Salter ao filho dizendo que não desanimasse. «Sê tu honrado», acrescentava ele, «que mais hoje mais amanhã, acharás lugar onde as tuas habilitações te sejam a recompensa dos meus sacrifícios. Mando-te esse pouquinho dinheiro que tenho forrado, Deus sabe com que custo. Em ele se te acabando, se não tiveres outros recursos, dignos de ti, vem, que o teu quinhão nas minhas pobres sopas cá está. Não digas mal dos amigos que te deram as cartas: a vontade deles era sincera. Se os grandes da capital os não atendem, a desatenção destes não desdoura os outros.»

Os doze mil-réis das economias do contínuo chegaram a pouco. António Salter estava hospedado no Hotel Estrela, na Rua do Oiro, por módico preço, visto que se abstinha de ceia; daí em diante absteve-se de almoço. E mudou para um quarto sem luz, onde costumava alojar-se o criado tolerante dalgum hóspede.

II

Eram seus comensais quatro portugueses vindos do Brasil.

Um destes quatro, por nome Manuel Fragoso, era mais dado que os outros, todos ricaços, e detinha-se a conversar com o bacharel. Orçava por trinta anos. Fora de dez para a Baía; herdara cem contos de réis de um tio aos vinte e cinco; e, nesta idade, perdeu a saúde, e a esperança de a restaurar: estava tísico.

Costumava Manuel Fragoso passar o inverno na Madeira, e alguns meses em Lisboa, e no Minho, donde era oriundo.

Não tinha família: deixara irmãs na pátria, e todas encontrara mortas da fatal moléstia herdada de seu pai. Nos quatro anos de doença, milagrosamente retardada com quantos desvelos a vontade de viver e os fartos meios lhe sugeriam, Manuel Fragoso leu e estudou, como querendo acrescer em vida da alma e deperecimento da corporal. Desbastadas as rudezas da educação, transluziu-lhe uma inteligência capaz de muito, e aquela subtileza de espírito que parece adelgaçar-se nas moléstias de lenta decomposição da matéria. Ao passo que a sepultura se lhe ia abrindo, a alma avoejava a dilatar-se o império da idealidade.

Os seus amigos e companheiros de hotel já mal lhe percebiam o pensamento e a linguagem. Por vezes, riam dele a ocultas, e lhe diziam que o muito ler lhe dava cabo da vida mais cedo. O doente trocava com António Salter um sorriso de inteligente ironia, e assim ia respondendo à duas vezes brutal reflexão dos seus amigos: davam-lhe como tolice a leitura, e como curta a existência.

A estupidez não cabe no meio-termo.

Como quer que o brasileiro ficasse muito por casa, resguardado do tempo, o bacharel passava com ele muitas horas, e contava-lhe a sua vida.

Perdidas as esperanças do emprego, como se disse, e recolhido ao quarto sem luz, António Salter faltou aos almoços em que os dois quase amigos se ficavam palestrando literariamente, e deixou de convidar o brasileiro para o seu quarto. Manuel Fragoso tudo compreendeu de pronto: quis remediar a desfortuna do bacharel; mas sondara-lhe a índole, a hombridade, e uma certa rudeza de independência que o atemorizava de introduzir-se à força na alma que se não franqueava.

António Salter entrara uma vez na sala de jantar, de passagem para o seu quarto. Levava um rolo de papéis.

– Que leva aí, senhor Salter? – disse Fragoso. – Se não é indiscreta a pergunta.

– São papéis inúteis. Os meus ócios de Coimbra... Lembrei-me uma vez de ser romancista, e escrevi estes cadernos de mal empregado papel.

– Pois o senhor escreve romances e estava calado com essa prenda?! – redarguiu o brasileiro. – Vem de ler o seu manuscrito a algum amigo, e não me qui dar a mim o prazer de ouvi-lo!... Isso é ingratidão, e falta de caridade com um doente, que já não tem distração nenhuma senão a da leitura...

– Das boas obras...

– E das más. Tudo me recreia. Então o seu romance é contemporâneo ou histórico?

– São dois trabalhos que tenho aqui, ambos históricos, quanto é histórica a poesia e a crónica das nossas antigualhas. Um é a lenda dos amores do português Diogo Álvares Correia, conhecido pelo *Caramuru*...

– Com a indiana Paraguaçu – atalhou Fragoso. – É a história da fundação da Baía, como ela vem contada no poema de Durão.

– Justamente. O outro trabalho é um romancinho, ou coisa que o parece, fundado nos infortúnios do príncipe D. António, prior do Crato, aspirante à Coroa portuguesa.

– Porque os não publica, senhor Salter?! – disse Fragoso, com íntimo alvoroço de alegria, por cuidar que se lhe asava o ensejo de ser útil ao brioso moço.

– Agora mesmo venho de oferecer um ou ambos os manuscritos a um editor. Examinou-lhes, enquanto a mim, a caligrafia, e disse que não comprava obras de autores sem nome.

– E que preço tencionava o senhor estabelecer aos seus manuscritos?

– Pedi dez libras pelo *Caramuru*.

– E o editor achou que só um autor festejado, como cá dizem, a respeito de todos os autores, poderia pedir dez libras por um romance?! Parece-me que o meu amigo, oferecendo o seu manuscrito aos descendentes dos Tupinambás, que idolatravam

o *Caramuru*, acharia mais conscienciosos editores! Pois, senhor Salter, o editor do seu romance sou eu.

E, dizendo, tomou posse do rolo maior, e saiu da sala, acrescentando:

– Eu volto já.

Devolvidos instantes, Manuel Fragoso entrou lendo a primeira página do manuscrito.

Sentou-se ofegante do cansaço promovido pelos rápidos movimentos que fizera, quando o entusiasmo de uma boa ação o acalorou. Esteve alguns minutos em silêncio, e disse:

– Meu amigo, aqui tem quarenta libras pelo seu manuscrito. Não lhe digo que o publicarei, porque as primeiras linhas cativaram-me tanto, que me sinto bastante egoísta para as fazer só minhas.

E leu: «Contarei com a singeleza dum coração moço os amores santos, santos como a natureza os ensina, de duas almas, que, do incêndio de seus afetos, deram os primeiros clarões da civilização de um povo bárbaro. Mostrarei que um puro amor se desentranha em benefícios, sobre muitos corações.»

– Queria eu que o meu amigo dissesse o mesmo da pura amizade, para ter mais confiança nos homens... Agora escreva o senhor Salter nesta página branca o seu nome de vendedor e a data da venda.

António Salter escreveu.

III

Dias depois, Manuel Fragoso, como os frios de outubro lhe agravassem a tosse, foi para a Madeira.

Ao despedir-se de António Salter, disse-lhe:

– Há nada mais triste que a gente abraçar um amigo, e ouvir a voz da consciência dizer-lhe: «É a última vez que o abraças! Nunca mais o verás!» Eu nunca mais o vejo, senhor Salter.

E chorava.

O bacharel balbuciou algumas expressões de contrafeito lenitivo.

– Não se ilude um homem como eu, senhor Salter! – atalhou Fragoso, como consolado das lágrimas do grato amigo. – Converso com a morte há cinco anos. Tenho-a entretido com as minhas negações – continuou ele sorrindo –, mas a maldita está-me agora esperando no ambiente perfumado da Madeira, onde tantos infelizes como eu vão insular-se entre as flores, que me fazem lembrar as flores do leproso de Xavier de Maistre... Escreva-me enquanto eu lhe escrever, meu amigo. Quando não tiver resposta, olhe para o azul dos céus, e pergunte a Deus porque deu Ele à sua criatura predileta – ao homem – as longas agonias que não dá ao verme! Deus já sei que lhe não responde; mas bem pode ser que eu lhe apareça no seu espírito, e lhe diga: «Sofre e resigna-te, que o verme, quando o esmagam, não pergunta a Deus porque morre esmagado.»

Despediram-se a bordo.

António Salter, conquanto tivesse quarenta libras, continuou a jejuar até às quatro horas da tarde, e permaneceu no quarto sem luz.

Calculou aumentos de fortuna. Mandou imprimir por sua conta o romancinho dos infortúnios de D. António, prior do Crato, dedicando-o ao seu amigo Manuel Fragoso, com uma carta repassada de coração, de amor paterno, do mais puro sentir da alma reconhecida.

Gastou vinte e seis libras na impressão de setecentos exemplares, que tencionava vender a setecentos réis, para ganhar cinquenta moedas pouco mais ou menos.

Abriu a venda do livro nas lojas do costume, e levou os exemplares às redações para serem enunciados. Ao décimo quinto dia, depois dos anúncios, a venda orçava entre três e cinco exemplares.

António Salter fechou-se no quarto escuro para chorar a perda da sua fé na inteligência própria, e a perda das vinte libras que eram o seu pão de alguns meses.

Foi a três redações com outros exemplares. Procurou os folhetinistas e noticiaristas, comum aspeto de insólita humildade. Pediu-lhes que lessem a sua obra, e houvessem por bem publicar o conceito que ela lhes merecesse.

Os jornalistas, que eram três, pensaram todos pelos bicos duma só pena, com pequeníssimas variantes na forma.

Eram todos deste parecer: «O senhor António Salter publicou um romance intitulado *D. António Prior do Crato*. O autor, conquanto novel nas lides literárias, segundo inferimos da florescência do seu estilo, dá muitas esperanças, se não se transviar da espinhosa carreira que encetou. O carácter de D. António está engenhosamente traçado, posto que um pouco encolhido em pequenas proporções. O carácter de Filipe II tem todo o odioso que a história lhe atribui, se bem que por vezes deixa de ser tirano, para ser um vil algoz: nesta parte o autor ouviu demasiadamente a voz do patriotismo, que nem sempre é judiciosa autoridade em coisas de arte. A plástica deve harmonizar com a estética, e o objetivo, em conformidade com o subjetivo, tendem, na escala da perfetibilidade, a tocar o escopo da dualidade, entre as duas escolas, realista e espiritualista. *Et cetera*.»

Os folhetinistas não entenderam isto melhor que António Salter; mas o que ele habilmente percebeu foi que o livro, depois das *críticas literárias* dos Janins e Planches portugueses, teve muito menor saída: porquanto se, antes da crítica, em quinze dias, se venderam cinco, no mês sequente à recomendação equívoca, venderam-se dois! O caso que faz o público de quem lhe diz as coisas em linguagem dos anjos!

O pecúlio de António Salter era reduzido a sete libras, quando a Providência lhe mandou a seguinte provação:

Estavam os três brasileiros, amigos de Fragoso, jantando à mesa redonda, e o bacharel também. Entrou neste ensejo um enviado da companhia das carruagens com uma carta para Manuel Fragoso. Perguntou se algum dos indivíduos presentes era o devedor. Um dos brasileiros disse que Manuel Fragoso tinha ido para a Madeira.

– Foi para a Madeira, sem pagar trinta mil réis de carruagens! Essa é boa! – disse o cocheiro.

– Naturalmente esqueceu-se – acudiu António Salter –, o senhor Fragoso era incapaz de ficar devendo coisa alguma, a não ser por esquecimento.

– Não sei cá disso! – atalhou o cobrador – o que eu quero é saber quem me há de pagar.

– É ele que lhe deve! – respondeu de má sombra um dos três ricaços. – Escreva-lhe para a Madeira, ou para o outro mundo.

– É um calote de trinta mil réis, é o que é – replicou o boleeiro.

– Cale-se aí, miserável! – bradou António Salter.

E, tirando do bolso as sete libras que tinha, atirou-as à cara do cocheiro, e bradou:

– O recibo, já o recibo!

O paciente vilão apanhou o dinheiro, e entregou o recibo que trazia a António Salter, com quinze tostões de demasia, e saiu.

Os ricaços encararam uns nos outros, e disseram de si para si:

– O homem é tolo, e pobre demais a mais.

Claro é que este homem tolo era António Salter.

IV

Manuel Fragoso escrevia da Madeira, carregando das trevas da morte cada vez mais o seu estilo, sem contudo lamuriar-se. Havia firmeza no pulso que escrevia. Faltava-lhe, talvez, a sublime unção religiosa que dá um sagrado cunho aos escritos dos que se sentem adormecer no seio do Senhor; mas uma outra sublimidade lhe sagrava o derradeiro verbo, a sublimidade da filosofia, aprendida na *Profissão de Fé*, de Pelletan, aquela imortalidade que lá vem esplendidamente e peregrinamente demonstrada, e que eu não sei bem se é aquela.

António Salter respondia a estes resignados discursos do obscuro, e mais ilustrado Sócrates, explanando em polidos dizeres as frases

chãs, que ele ouvira de sua religiosa mãe. O homem infeliz tinha de seu um tesouro de piedade que, em angústias análogas às de Manuel Fragoso, se abriria a transbordar consolações mais prestantes que o tesouro de cem contos do seu amigo. Ambos tinham Deus; porém, o Deus de António Salter era o que manda um dos seus serafins à cabeceira do agonizante a receber-lhe a alma; o Deus de Manuel Fragoso era o assombroso e impassível criador da ordem, que tanto repara no grão de areia que vai no rolo do simum, como na folha que se desprende seca do ramo, como no homem que é bebido pelo golfão da morte. É mais suave o morrer do cristão: basta-lhe à religião de Jesus a santidade de ser boa na morte dos que a professam.

O brasileiro correspondia-lhe com o seu correspondente em Lisboa, a quem encarregara de ir pagar ao escritório da companhia trinta mil réis, que por esquecimento não pagara. O correspondente avisou Manuel Fragoso de que encontrara paga a quantia por um hóspede do Hotel da Estrela, cujo nome averiguara, e soubera ser António Salter. Acrescentava a história miúda do acontecimento, como fora o arremesso do dinheiro à cara do cobrador, e a indiferença dos amigos abastados, que permitiram as palavras injuriosas do boleeiro. Dizia mais que, procurando António Salter para o embolsar, conseguira apenas obter o recibo, que lhe remetia.

Manuel Fragoso, quando esta carta recebeu, estava no penúltimo dia da sua vida. Escreveu poucas linhas, e empregou as restantes horas em dar validade aos seus legados.

Entretanto, o romancista, para não ter fome, vendia a peso os exemplares do seu livro, e pedia a seu pai que lhe desse um quinhão das suas pobres sopas, enquanto ele se preparava para ter umas também pobres, granjeadas com o trabalho da advocacia. O bom velho mandou-lhe dinheiro para a jornada, e muitas admoestações de paciência. «Como vens pobre pelo caminho da honra», dizia o pai, «cá tens os meus braços. Vem abrir escritório, meu filho. O teu pouco dar-nos-á uma quase abundância. Com pouco se vive, e morre-se com muito. Esta máxima te peço que a escrevas no coração. Quem a entender e converter em estrela diretora neste breve caminho é feliz.»

António Salter ia comprar o bilhete de passagem no vapor, quando soube que tinha chegado barco da Madeira. Procurou, com susto, notícias do seu amigo, e encontrou duas cartas, uma dele, outra de letra desconhecida.

Dizia assim a segunda carta: «Na qualidade de testamenteiro do senhor Manuel Fragoso, que Deus tem em Sua santa glória, envio a Vossa Senhoria a cópia do testamento do mesmo senhor, e uma carta cuja remessa ele pessoalmente me encarregou... Etc.»

A carta de Manuel Fragoso rezava assim: «Meu amigo. Enfim... Cá sinto na garganta a garra ardente da fera, que eu alimentei cinco anos com o meu sangue. Agora não há iludi-la, nem pedir-lhe espera de mais uma primavera, de mais um céu transparente, de mais um nascer de Sol!... Acabou-se... Creio que amanhã esta mão, que lhe escreve, estará roxa dos vermes, e este coração, que lhe fala, esmagado sob a enxada do coveiro. Adeus, meu querido amigo. A minha última leitura foi o seu livrinho do infeliz D. António. Aqui o tenho: paguei-lho com as derradeiras lágrimas.

Agora, antes que a luz me fuja, deixe-me dizer-lhe que você praticou uma ação honrada, defendendo a memória do seu amigo duma nódoa e duma injúria. Jesus Cristo prometeu ao justo cento por um.

Naquele tempo, como as virtudes eram menos raras, dar cem benefícios por um ato meritório era racional; hoje, que a virtude é raríssima, entendo que cada virtude deve render mil benefícios. Neste pressuposto, rogo-lhe que me aceite trinta contos de réis pelos trinta mil réis com que resgatou a minha honra. Leve a felicidade a seu pai, e um abraço deste homem, deste nada, que o felicita pelo património de pundonor e probidade que vai legando a seu filho. Meu amigo, a melhor herança que lhe deixo é esta máxima: quando lhe fizerem um bem, pague-o com mil, que

ainda ficará opulento. Adeus. Vou pedir à misericórdia divina que me dê tréguas nesta angústia do corpo. A alma está conformada... Deve ser do Céu esta luz que descondensa a negridão da morte...

Do seu amigo Manuel Fragoso.»

CONCLUSÃO

António Salter foi à Madeira. Exumou o cadáver do seu amigo, construiu-lhe mausoléu no adro do presbitério onde fora batizado, e vive com seu pai, em uma quinta vizinha daquelas relíquias.

Salter é lavrador, uma espécie de feitor do ditoso ancião, que vive com os modestos regalos da sua parcimónia.

Grande parte da herança está dividida por infelizes. O herdeiro não acha benefícios que recompensar; mas os indigentes que lhe estendem a mão faminta, e a recolhem remediada e farta, deixam-lhe na alma alegrias, que podem bem considerar-se recompensa de mil contentamentos pelo benefício da esmola.

Lisboa, 1863.

Digitalizado a partir de *Histórias do meu tempo: uma antologia*, de Camilo Castelo Branco. Org. Viale Moutinho